

A CONSTRUÇÃO DO CAMPO DE PESQUISA E DO PESQUISADOR

VANESSA CARLA DE FREITAS

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO (UFES)

Agradecimento à orgão de fomento:

À CAPES pela bolsa de estudos.

A CONSTRUÇÃO DO CAMPO DE PESQUISA E DO PESQUISADOR

INTRODUÇÃO

Muito se fala sobre a imparcialidade, esse termo está associado a diversas profissões, os médicos, jornalistas, psicólogos, políticos, etc., e no mundo científico. Segundo Young (2012), o sentido de imparcialidade mais comum é como sinônimo de confiabilidade, neutralidade, opinião desprovida de interesses pessoais ou favoritismo, onde se julga e decide de modo igualitários, pessoas e situações. Ainda segundo a autora, a imparcialidade envolve uma dicotomia entre a razão e a paixão, público e privado, particular e universal. Dessa forma, sua aplicação no mundo científico se dá em vista da intenção de construir conhecimento que esteja imune às opiniões particulares dos pesquisadores (Droencher & Silva, 2014). No entanto, essa imparcialidade existe realmente? Existe uma pessoa que não evoque, nem que seja por um segundo, suas opiniões e pensamentos sobre algo que está ouvindo, vendo? Que não emite um julgamento sobre esse algo, mesmo que de forma implícita?

Ademais, o desejo social por imparcialidade se apresenta de forma situacional, dependente de quem a exige, e em que situações se exige, principalmente quando o favorecido é o próprio sujeito ou grupo social (Young, 2012). Essa neutralidade cede lugar quando o favorecido é um amigo, parente ou outra pessoa de interesse, e nessas situações o jeitinho (Cavedon, 2003) surge como mecanismo para vencer essa neutralidade. Young (2012) salienta que essa imparcialidade é usada como fonte de dominação, pois contribui para a manutenção da ordem social, que ouve a uns poucos e deixa de ouvir outros. Ainda, segundo a autora, nessa busca, nega-se a singularidade dos sujeitos, como se toda sua história de vida pudesse ser guardada e retirada da sua identidade, pensamentos e sentimentos quando conveniente.

Salienta-se que o campo científico enquanto um meio construído por aspectos individuais e coletivos, que por sua natureza, não se pode separar das relações que os constitui. Logo, as subjetividades que envolvem as pesquisas são um elemento dificultador da imparcialidade. Essa, a subjetividade, enquanto construção da realidade, continua e inconscientemente reconstruída pelas interações entre os sujeitos e meio (Moreira & Dutra, 2006; Vilhena, 2002; Volnovich, 1995) tornam a imparcialidade completa complexa, visto a incapacidade de se identificar onde começa o campo de pesquisa e começa os sujeitos individuais.

Além disso, segundo Touraine (2006), Leite e Dimenstein (2010) os sujeitos são construídos por meio das interações, das relações que acontecem no meio social, que constituem e são influenciadas pelas subjetividades. Segundo os trabalhos de Volnovich (1996) pode-se entender que a subjetividade é como uma rede de relações entre indivíduos, exercida no trabalho, na rua, supermercado, cinema. Dessa maneira, segundo Machado (2002), os pesquisadores não conseguem adentrar um campo de pesquisa, outra sociedade, grupo social e não afetar, interferir, acrescentar, transformar como aquela sociedade vive e pensa. Segundo o autor, o pesquisador também não consegue retornar a sua realidade da mesma maneira como entrou, sem refletir, pensar, aprender sobre a sociedade da qual faz parte e sua percepção sobre si e o outro durante a pesquisa.

Desse modo, o campo de pesquisa enquanto o local onde os estudos científicos são desenvolvidos, através de estratégias cuja finalidade é a interpelação entre os conhecimentos teóricos e a realidade empírica que circunda o processo de construção do conhecimento (Kroef, Gavillon, & Ramm, 2020). Assim, o campo de pesquisa surge do desejo do pesquisador de compreender algo, o qual o motiva a adentrar o espaço físico onde o fenômeno acontece, munido de um objetivo de estudo e um problema de pesquisa (Prado & Braz, 2017). Salienta-

se que a escolha do local da pesquisa é uma decisão tomada pelo pesquisador, que considera seus interesses pessoais, ineditismo ou a carência de investigação sobre o que está acontecendo naquela localidade, os quais determinam a relevância do estudo desenvolvido (Kroef, Gavillon, & Ramm, 2020).

Posto isto, este ensaio teórico contribui para o campo científico ao incentivar a reflexão acerca da construção do conhecimento científico. Além disso, problematiza o processo de condução da pesquisa, as percepções sobre o fazer pesquisa, o pesquisador e o campo. Dessa forma, este ensaio teórico tem como problema de pesquisa: como o fazer pesquisa influencia o campo de estudo e o pesquisador? O objetivo é compreender de que forma a pesquisa influencia o campo de estudo e o pesquisador. Este ensaio está organizado do seguinte modo: após esta introdução segue o tópico o campo de pesquisa, o pesquisador, mecanismos de pesquisa de campo, a construção do campo de pesquisa e do pesquisador e as considerações finais.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DO ENSAIO TEÓRICO

Este artigo teórico foi desenvolvido a partir de uma extensa revisão bibliográfica, focando-se em três elementos norteadores fundamentais. Primeiramente, explorou-se o campo de pesquisa, compreendendo sua definição e características formadoras em diversos campos do saber. Contudo, este estudo concentrou-se predominantemente nos campos das ciências sociais e psicologia, áreas onde os estudos de campo são amplamente utilizados (Gomes, 2020; Prado & Braz, 2017; Tavares, 2022). A análise deste elemento buscou identificar as particularidades e contribuições desses campos específicos, ampliando a compreensão sobre a prática da pesquisa de campo e suas implicações teóricas e metodológicas.

O segundo elemento norteador foi o pesquisador. Neste ponto, abordou-se a definição do pesquisador, suas características, os papéis esperados e desempenhados, bem como as dificuldades enfrentadas no exercício de sua função. Através do exame de estudos nas áreas de ciências sociais, psicologia e educação, buscou-se delinear um perfil do pesquisador, destacando as competências necessárias e os desafios inerentes à prática da pesquisa (Diniz-Pereira, 2013; Droencher & Silva, 2014). A análise também incluiu uma reflexão sobre as formas de ser pesquisador, enfatizando a importância da formação contínua e do desenvolvimento de habilidades críticas e reflexivas.

Finalmente, o último elemento norteador consistiu nos mecanismos de pesquisa de campo. Investigou-se quais métodos e instrumentos foram utilizados nos estudos de campo analisados, destacando o impacto dessas escolhas na produção de dados. Os processos reflexivos envolvidos na seleção e utilização de instrumentos como entrevistas, observação e etnografia foram minuciosamente examinados, devido ao seu uso recorrente em diversas áreas de pesquisa (Bourdieu, 1983; Kroef, Gavillon, & Ramm, 2020). Essa análise permitiu identificar as vantagens e limitações de cada método, além de discutir as implicações éticas e metodológicas associadas à pesquisa de campo.

A construção dos tópicos reflexivos deste artigo decorreu de uma leitura cuidadosa dos materiais selecionados e da busca por fontes complementares às ideias apresentadas. Além disso, a própria experiência da autoria na produção de pesquisa em campo influenciou significativamente o processo de construção e estruturação deste ensaio. Dessa forma, este trabalho não apenas sintetiza o conhecimento existente, mas também oferece uma contribuição original ao discutir a prática da pesquisa de campo a partir de uma perspectiva reflexiva e crítica. Com isso, espera-se fornecer subsídios teóricos e metodológicos que possam enriquecer futuras investigações e promover um entendimento mais profundo sobre a complexidade e os desafios da pesquisa de campo.

O CAMPO DE PESQUISA

O campo de pesquisa emerge para os estudos científicos a partir do interesse de um pesquisador em buscar compreender algo sobre uma determinada população, localidade ou fenômeno social/científico e nesse espaço encontra o objeto do estudo, a questão de pesquisa (Prado & Braz, 2017). Segundo Bourdieu (1983), o termo campo remete às relações de conflito e luta por poder, regido por uma hierarquia cuja finalidade é manter a ordem e sua manutenção. O autor diz que o campo “[...] é um estado da relação de força entre os agentes ou as instituições engajadas na luta, ou, se preferirmos, da distribuição do capital específico que, acumulado no curso das lutas anteriores, orienta as estratégias ulteriores[...]” (Bourdieu, 1983, p. 90). Segundo Diniz-Pereira (2013), o campo refere-se a espaços sociais permeados por disputas de interesse, os quais são irreduzíveis e próprios de cada grupo. Salienta-se que o campo envolve o espaço físico onde a pesquisa é realizada, mas não se restringe ao espaço físico, visto sua relação com as pessoas, com o contexto social em suas diversas dimensões (Spink, 2003).

Dessa forma, a partir das ideias dos autores supracitados, pode-se pensar que o campo enquanto espaço social existe antes de ser campo de pesquisa, ou seja, possui uma história pregressa, a história do grupo que luta por seus interesses, pelas ideias daquele grupo. Segundo Kroeff, Gavillon e Ramm (2020), o campo de pesquisa é o produto da interação de muitas redes de relações de poder, construída ao longo das inúmeras interações que ao longo das décadas aconteceram e foram marcando-o e performando-o. O campo de pesquisa é composto por conflitos, monopólios, estratégias e interesses que diferenciam cada área de estudo, e tornam essencial para a ciência compreender essas particularidades e complexidades (Bourdieu, 1983).

Assim, olhando pela lente dos trabalhos de Spink (2003), algo que talvez os acadêmicos esqueçam é que quando se pensa em realizar pesquisas em algum lugar ou grupo, esse já existia antes da sua entrada, inúmeras situações já haviam acontecido, gerações de sujeitos que a moldaram e a construíram. Ademais, segundo Godim (2020) o campo é uma construção, uma invenção, que não existia antes do pesquisador e nem o pesquisador antes do campo. Assim, há uma forma de poder presente em cada lado e que quando se cruzam inventam uma nova forma de existência (Godim, 2020), o campo de pesquisa.

Dessa forma, o campo já existia antes de tornar-se interessante para um pesquisador, já era relevante antes que o acadêmico dissesse que o era, mas só se torna campo de pesquisa quando há a relação com o pesquisador (Godim, 2020). Esse por sua vez, segundo Bourdieu (1993), dá forma, existência ao campo científico, a partir dos distintos interesses de pesquisa. O autor, ressalta que a pesquisa não acontece de modo desinteressado, mas o contrário, se constrói a partir dos interesses dos diferentes grupos e propostas de investigação demandados pela comunidade científica e a sociedade civil.

Ademais, ao desvelar das características e núncias que compõe o local da pesquisa passa por um processo específico que deve ser aceito pelos pares deste pesquisador, o chamado método científico, que demanda estratégias para entrada no campo, coleta dos dados, protocolos de pesquisa éticos (Droencher & Silva, 2014; Kroef, Gavillon, & Ramm, 2020; Prado & Braz, 2017). Além disso, conforme Kroef, Gavillon e Ramm (2020), a justificativa e relevância para a realização de um estudo em determinada localidade passa pela interpretação entre a teoria utilizada e a realidade empírica que os procedimentos da pesquisa apresentam.

Portanto, conforme destacado pelos autores, o campo de pesquisa não se limita ao local onde o estudo é desenvolvido, mas abrange as informações individuais e coletivas das pessoas inseridas nessa localidade. Envolve as experiências, transformações e criações que emergem das relações desses sujeitos no espaço, que se desdobram em outros grupos e fenômenos de pesquisa presentes no mesmo ambiente geográfico. Essas relações são fontes de informação,

experiência, transformação e criatividade para outras civilizações e pessoas. Nesse contexto, o pesquisador exerce a função de representante e porta-voz da comunidade estudada, com a missão de lançar luz sobre as realidades que compõem aquela localidade e, conseqüentemente, aquele campo de pesquisa.

Dessa forma, é relevante entender o campo de pesquisa em sua totalidade, é crucial para a elaboração de estudos que realmente capturem a complexidade das relações sociais e contextuais. Essa compreensão amplia a capacidade do pesquisador de interpretar e analisar dados de maneira mais precisa e significativa, contribuindo para o avanço do conhecimento científico e para a implementação de políticas e práticas informadas pela realidade social dos grupos estudados.

O PESQUISADOR

O conhecimento científico passa constantemente por transformações, novas descobertas, formas de investigação e a atualização do conhecimento já desenvolvido frente mudanças sociais e tecnológicas (Droencher & Silva, 2014). Dessa forma, segundo os autores, todo conhecimento é mutável e transitório, passível de aperfeiçoamento e refutação. Nesse contexto, o responsável por esse processo de desenvolvimento do conhecimento são os pesquisadores, que dentro das diversas áreas de conhecimento produzem estudos que buscam encontrar explicações e soluções para as situações que cercam a sociedade (Kroef, Gavillon, & Ramm, 2020; Prado & Braz, 2017).

Dessa forma, os pesquisadores visam ter os resultados dos estudos por eles realizados conhecidos e utilizados por seus pares e pela sociedade (Droencher & Silva, 2014). Salienta-se que o saber científico construído e divulgado pelos materiais científicos tem como finalidade chegar à comunidade civil, logo, não pertencem aos pesquisadores, às revistas ou às instituições de pesquisa, mas à sociedade (Droencher & Silva, 2014; Prado & Braz, 2017). Apesar disso, nem sempre essa produção científica é conhecida ou valorizada pela comunidade, visto haver uma concepção de que os artigos científicos, forma mais usual de divulgação dos resultados de pesquisa, são destinados somente aos próprios cientistas (Motta, 2022; Navas, et al., 2020). No entanto, a maioria dos artigos científicos são acessíveis à população para uso, desde que respeitada a autoria (Rosa, Silva, & Pavão, 2021; Huvi, Revez, & Borges, 2024; Silva & Silveira, 2023).

A forma principal de comunicação a sociedade dos resultados das pesquisas desenvolvidas é no formato escrito, os chamados artigos científicos, publicados em revista específicas de cada área de conhecimento, os quais passam por diversos processos de verificação e validação das descobertas (Droencher & Silva, 2014). Esse processo é feito por outros pesquisadores da respectiva área de conhecimento, que após analisarem a forma da produção dos dados, o método de pesquisa e coleta dos dados, e das teorias utilizadas determinam se os materiais serão aprovados para ampla divulgação na revista científica (Droencher & Silva, 2014).

No entanto, embora os artigos sejam a parte mais visível do trabalho de pesquisa, há uma parte invisível, o processo de estudo, coleta e análise que demanda muitas horas de vida, abdições, reflexões que tornam possível a obtenção de resultados divulgáveis a sociedade (Araújo, Costa, & Lima, 2021; Droencher & Silva, 2014). Ademais, segundo Mills (2009), o resultado de um estudo é a soma de muitas situações que formam aquelas páginas, como um artesão que tece um tecido por meio de muitos fios. Para o autor, apesar de ser expresso muitas vezes de forma impessoal, a pesquisa é um processo que envolve o sujeito por completo, suas experiências, aprendizados. Assim, pode-se pensar que o pesquisador é formado através das suas experiências, sucessos e fracassos, que o ensinaram a criar-se e recriar-se enquanto pesquisador (Corazza, 2011; Ribeiro, 2005).

Dessa forma, o pesquisador não é um ser estático, ao invés, está constantemente em transformação, através das experiências, temas de interesse, locais de pesquisas, processos de avaliação, aceites e rejeições de seus estudos, os quais o formam enquanto pesquisador (Sant'Ana, 2010). Por essa razão, segundo Sant'Ana (2010), as pesquisas refletem as experiências pregressas do pesquisador conduzidas por meio das relações de poder desenvolvidas com o campo de pesquisa. Segundo o autor, a atuação do pesquisador na condução do estudo é constituída de uma intenção, que emerge no problema de pesquisa, no local onde acontecerá a pesquisa. Além disso, existem temas e situações de interesses, sociais, acadêmicos e científicos momentâneos que também influenciam o pesquisar (Navas, Berti, Trindade, & Lunardelo, 2020; Sant'Ana, 2010).

Outrossim, outros aspectos não imparciais que envolvem o planejamento da pesquisa são: expectativas sociais, prestígio acadêmico, reconhecimento e a possibilidade de obter financiamento (Droencher & Silva, 2014). Esses aspectos determinaram procedimentos, localidades, instrumentos de pesquisa que serão escolhidos de modo a favorecer que o estudo atraia o máximo de atenção positiva, seja amplamente citado (Araújo, Costa, & Lima, 2021; Droencher & Silva, 2014; Prado & Braz, 2017).

Assim, nenhuma pessoa nasce pesquisador, essa identidade é criada ao longo do processo de estudo, nas tentativas, fracassos, conselhos e interações (Corazza, 2011; Ribeiro, 2005). Segundo Corazza (2011) e Conceição (2016), o pesquisador se forma porque se colocou no lugar de um aprendiz e buscou entender e investigar algo, e a partir das interações com outros pesquisadores, iniciantes e experientes, surge o sujeito pesquisador. Essa criação do sujeito pesquisador acontece na sutileza das atividades exercidas, na descoberta de como superar as dificuldades do campo, como: os silêncios dos participantes, conquistar a cooperação e confiança dos pesquisados, as resistências do ambiente investigado, a desconfiança com o pesquisador (Conceição, 2016).

Ressalta-se que a experiência permite ao pesquisador conseguir planejar suas pesquisas com maior propriedade e assertividade. Isso favorecerá a produção de materiais prestigiados e utilizados pelos seus pares, e conseqüentemente, promoverá o desenvolvimento do conhecido. Por essa razão, conhecer os mecanismos de pesquisa disponíveis para a realização de estudos de campo é uma habilidade relevante.

MECANISMOS DE PESQUISA DE CAMPO

Existem muitos procedimentos e instrumentos de pesquisa destinados aos estudos de campo, alguns são mais utilizados e outros são recentes. Dentre as formas de pesquisa de campo, algumas ferramentas são comumente utilizadas. A observação é uma dessas ferramentas por ser aplicável em diversos cenários e intenções, como: para conhecer a forma de ação, relações e comportamentos de grupos de interesse (Adler & Adler, 1998; Flick, 2004; Zanelli, 2002). Assim, a observação é uma técnica de coleta de dados e um tipo de pesquisa, cuja característica é permitir a obtenção de informações, comportamentos e formas de relacionamento social em determinadas localidades ou grupos de pessoas (Silva & Souza, 2023).

Segundo Silva e Souza (2023), a observação pode ser de diferentes tipos, como: secreta, pública, participante, não-participante, sistemática, não-sistemática, situações naturais, situações artificiais, etc. A primeira ocorre sem o conhecimento dos sujeitos observados, enquanto a observação pública é realizada abertamente (Silva & Souza, 2023). A observação participante envolve o observador interagindo e participando ativamente no ambiente estudado, ao passo que a não-participante implica em uma postura de distanciamento e não interferência (Emerson, Fretz, & Shaw, 2007; Silva & Souza, 2023). A observação sistemática segue um planejamento rigoroso e critérios definidos, ao contrário da observação não-sistemática, que é

mais espontânea e flexível (Flick, 2004; Silva & Souza, 2023). Além disso, a observação pode ocorrer em situações naturais, onde os fenômenos são estudados no seu contexto original e sem manipulação, ou em situações artificiais, onde o ambiente é controlado e manipulado pelo pesquisador para facilitar o estudo de determinadas variáveis (Silva & Souza, 2023).

Dessa forma, os diferentes tipos de observação permitem aos pesquisadores selecionar a abordagem mais adequada às suas necessidades e objetivos de investigação. No entanto, segundo Sant'Ana (2010), é um erro acreditar que procedimentos aparentemente mais distantes estão isentos de interferência. Mesmo na observação não participante, onde o pesquisador tenta manter-se afastado e minimizar seu impacto no ambiente estudado, não se alcança uma ausência total de interação (Sant'Ana, 2010). Em vez disso, existem diferentes graus de envolvimento entre o pesquisador e o campo de estudo. Cada tipo de observação, seja ela secreta, pública, participante ou não participante, sistemática ou não-sistemática, em situações naturais ou artificiais, envolve algum nível de interação e influência mútua (Emerson, Fretz, & Shaw, 2007; Silva & Souza, 2023). Portanto, a escolha do tipo de observação deve considerar essa inevitável presença do observador e buscar um equilíbrio entre proximidade e distanciamento, conforme os objetivos específicos da pesquisa.

Ademais, conforme Adler e Adler (1991), é possível indicar que há sutis diferenças, na pesquisa de observação, como dito anteriormente. Segundo os autores supracitados, há observações onde o pesquisador deseja que sua presença produza o mínimo impacto possível nas ações dos nativos, chamados pelos autores de observação participante periférica. Outra forma de observação é observação participante ativa, onde o pesquisador está inserido no meio, entende que sua presença afeta o campo, mas deixa claro que não faz parte do grupo. Além dessa, há a observação participante completa, onde o pesquisador deseja ser inserido no contexto dos nativos de tal modo a quase assemelhar-se ao nativo, ser visto e pensado como nativo, apesar de todos saberes que não o é, mas ele está tão misturado ao grupo que é difícil não ter essa impressão (Adler & Adler, 1991).

Outro mecanismo de pesquisa é a etnografia, que consiste em uma lente teórica e metodológica que investiga o campo de pesquisa de forma intensa e exaustiva (Cavedon, 2003; Gherardi, 2018). Na etnografia o pesquisador permanecer no campo de pesquisa por um longo período, observando e realizando anotações de campo, e produzindo diários de campo que se transformarão textos etnográficos que retratarão as vivências do campo de pesquisa (Conceição, 2016; Gherardi, 2018; Godim, 2020). Por outro lado, a metodologia de pesquisa etnográfica é caracterizada por uma imersão prolongada do pesquisador no campo de estudo, permitindo uma observação participante e uma compreensão profunda das práticas culturais e sociais dos participantes (Gherardi, 2018; Godim, 2020). Focada na perspectiva imersiva, busca entender o mundo através das experiências e visões dos próprios sujeitos estudados (Conceição, 2016).

A coleta de dados na pesquisa etnográfica é qualitativa, utilizando entrevistas em profundidade, notas de campo detalhadas, e gravações para capturar a complexidade das interações sociais (Conceição, 2016; Gherardi, 2018; Godim, 2020). A análise é indutiva, permitindo que teorias e preposições emergem dos dados coletados (Conceição, 2016; Gherardi, 2018; Godim, 2020). A pesquisa etnográfica enfatiza a contextualização cultural, reconhecendo a importância das tradições e normas que moldam a vida dos participantes (Cavedon, 2003; Conceição, 2016). Os resultados são apresentados em narrativas descritivas ricas (Cavedon, 2003). O pesquisador deve ser flexível, adaptável, e manter uma postura reflexiva, construindo relações de confiança e respeito mútuo com os participantes, garantindo uma condução ética e sensível da pesquisa (Conceição, 2016; Gherardi, 2018; Godim, 2020).

Segundo Conceição (2016) um dos elementos presentes na realização de uma etnografia é o processo de estranhamento do campo. Para o autor, no primeiro momento se olha para o

conhecido ou não, e busca-se perceber o que há de diferente, estranho (Conceição, 2016; Favret-Saada, 2005). Após, com a convivência, esse estranho torna-se familiar, e ao voltar para sua realidade e voltar ao campo por meio dos diários, o pesquisador estranha novamente o campo, mas não só ao campo, mais a si (Conceição, 2016; Favret-Saada, 2005).

Salienta-se que a observação e a etnografia demandam a produção de notas de campo ou diários de campo, que consistem no relato pontual através de frases, desenhos, etc., que ajudem o pesquisador a lembrar-se de algo que foi visto, pensado, estranhado no campo (Favret-Saada, 2005; Kroef, Gavillon, & Ramm, 2020). Segundo Droencher e Silva (2014), a produção de diários de campo é uma alternativa reflexiva útil para a aproximação e compreensão do campo de pesquisa. Além disso, como dito, pesquisas de campo como as de observação, etnográficas utilizam os diários como instrumento de produção de dados, por entender que o pesquisador não consegue, não deve perder a compreensão do seu papel de membro externo que deseja compreender os movimentos do interno (Prado & Braz, 2017).

Dessa forma, o diário de campo é a anotação densa dessas observações, pensamentos, sentimentos vividos durante o tempo do pesquisador no campo (Emerson, Fretz, & Shaw, 2007). Essas anotações podem ser feitas em blocos de notas, gravações de áudio, desenhos, etc. (Emerson, Fretz, & Shaw, 2007). Nesses diários estão expressos as reflexões e o começo de novas formulações a respeito de si e do visto (Sant'Ana, 2010). Dessa forma, Favret-Saada (2005) e Kroeff, Gavillon e Ramm (2020), o diário é a descrição dos procedimentos de pesquisa, o que foi feito, como o foi, o que se sentiu, com quem se interagiu. No entanto, nem todos os materiais produzidos comporão o resultado final da pesquisa explicitamente, mais de forma implícita através do auxílio na compreensão dos elementos analisados (Cachado, 2021).

Por fim, uma ferramenta muito usada nos estudos qualitativos e está inserida no contexto da pesquisa de campo, são as entrevistas (Brinkmann, 2018). Segundo Minayo e Costa (2018), a técnica da entrevista é utilizável tanto pelos pesquisadores mais experientes como pelos pesquisadores iniciantes. No entanto, independentemente do nível de conhecimento e domínio na aplicação da técnica, recomenda-se que os pesquisadores realizem da melhor maneira possível o processo preparatório para condução de uma pesquisa (Oliveira, et al., 2020). Apesar de ser definida como uma conversa entre duas pessoas conduzida em torno de uma temática específica e determinada pelo pesquisador que conduz a pesquisa (Minayo & Costa, 2018).

Salienta-se que devido à entrevista abarcar elementos de cunho pessoal, antes do início da coleta de dados o pesquisador deve informar ao entrevistado qual o objetivo do estudo, sobre anonimato garantido, como os dados produzidos serão tratados e descartados ao final do estudo (Minayo & Costa, 2018; Oliveira, et al., 2020). Além disso, deve-se fornecer ao participante o Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE) que oferece esclarecimentos, informações sobre o estudo, registra os procedimentos, deveres e direitos que regem a participação da pesquisa, o qual é assinado por ambas as partes, pesquisador e pesquisado (Minayo & Costa, 2018; Oliveira, et al., 2020). Como se trata de um estudo com seres humanos, é fortemente recomendado a submissão da pesquisa ao Comitê de Ética mais acessível ao pesquisador, para garantir que o estudo não cause prejuízos aos participantes (Oliveira, et al., 2020; Oliveira, Guimarães, & Ferreira, 2023).

Dentre os tipos de entrevista possíveis a semiestruturada é a mais utilizada nos estudos sociais, de campo, por sua natureza flexível, que permite investigar e questionar as respostas dos participantes, produzindo dados mais complexos, detalhistas, mais profundos (Oliveira, Guimarães, & Ferreira, 2023). Segundo Brinkmann (2018), a entrevista semiestruturada, por sua característica informal, em tom de conversa, onde o pesquisador se encontra com o participante em local acessível a ambos, realiza as perguntas no tempo acordado. Essas perguntas são elaboradas previamente a luz da lente teórica que orienta o estudo, dispostas e

agrupadas em uma ordem, o roteiro de entrevista, o qual pode sofrer alterações no transcorrer da pesquisa, como outras perguntas surgirem a partir da resposta a uma pergunta do roteiro (Oliveira, et al., 2020; Oliveira, Guimarães, & Ferreira, 2023). Dessa forma, o fato da pesquisa ser semiestruturada não quer dizer sem organização, há uma estrutura mínima de condução, para garantir que todos os sujeitos tenham a oportunidade de opinar sobre as mesmas questões (Brinkmann, 2018; Oliveira, Guimarães, & Ferreira, 2023).

Salienta-se que para que a produção dos dados seja mais fidedigna possível, atualmente, utiliza-se gravação da entrevista, em áudio ou vídeo (Oliveira, et al., 2020; Oliveira, Guimarães, & Ferreira, 2023). Segundo Oliveira e colaboradores (2020), a gravação da entrevista é um recurso que possibilita ao pesquisador dar maior atenção ao participante enquanto fala, perceber elementos gestuais e não verbais que o pesquisado por realizar durante a coleta dos dados. Ainda segundo os autores, o registro em anotações dessas observações que ultrapassam o registrado em áudio também é recomendado. Dessa forma, para que a pesquisa obtenha as melhores informações possíveis é preciso que o pesquisador realize uma preparação adequada, crie um ambiente que favoreça essa troca de experiências e vivências (Brinkmann, 2018; Oliveira, et al., 2020; Oliveira, Guimarães, & Ferreira, 2023).

No entanto, não é suficiente possuir uma boa preparação técnica para adentrar no campo de pesquisa; é igualmente crucial compreender tanto o campo quanto a si enquanto pesquisador. Além disso, é importante reconhecer que ambos, campo e pesquisador, serão impactados pela interação proporcionada pela pesquisa, e que a formação do campo e do pesquisador ocorre a partir desse encontro.

DISCUSSÃO

A CONSTRUÇÃO DO CAMPO DE PESQUISA E DO PESQUISADOR

A imparcialidade é uma exigência comum no meio acadêmico, entendida como a capacidade do pesquisador de manter um distanciamento e uma neutralidade em relação ao objeto de pesquisa, visando garantir a objetividade e a confiabilidade do estudo (Conceição, 2016). No entanto, alcançar essa neutralidade idealizada é uma tarefa extremamente complexa e, muitas vezes, irrealizável, considerando que a pesquisa é conduzida por seres humanos, com suas próprias percepções e influências.

Assim, conforme Conceição (2016), há tradicionalmente idealização da neutralidade como um pilar das pesquisas científicas. A objetividade é vista como essencial para que os resultados sejam válidos e replicáveis, assegurando a credibilidade da ciência (Leonardi, et al., 2023). Contudo, como apontado por Conceição (2016), essa expectativa desconsidera que os pesquisadores são, antes de tudo, seres humanos inseridos em contextos sociais, culturais e históricos específicos. Esses contextos influenciam inevitavelmente suas percepções, escolhas metodológicas e interpretações dos dados.

Além disso, a imparcialidade pode ser compreendida no mundo acadêmico por diversos prismas, como as abordagens positivistas defendem a possibilidade de uma ciência neutra e objetiva (Leonardi, et al., 2023). Por outro lado, perspectivas mais críticas, como o feminismo e os estudos pós-coloniais, argumentam que toda produção de conhecimento é, em certa medida, situada e carregada de valores (Haraway, 1988). Outro ponto crucial a considerar é a interação entre o pesquisador e o objeto de estudo, especialmente em pesquisas qualitativas. Nas ciências sociais e humanas, por exemplo, a subjetividade do pesquisador pode ser vista como um recurso valioso, que enriquece a interpretação dos dados e a compreensão dos fenômenos estudados (Barroso, 2014). A reflexividade, nesse contexto, torna-se uma

ferramenta importante para reconhecer e explicitar as influências subjetivas no processo de pesquisa. Ao adotar uma postura reflexiva, o pesquisador pode lidar de maneira mais transparente com suas próprias influências, contribuindo para uma pesquisa mais ética e consciente (Gomes, Hoffmann, & Finkler, 2021).

Assim, a questão da imparcialidade também se relaciona com o dilema ético de como representar os sujeitos pesquisados de maneira justa e precisa (Gomes, Hoffmann, & Finkler, 2021). Em estudos etnográficos, por exemplo, o pesquisador se envolve intensamente com a comunidade estudada (Cavedon, 2003) e essa proximidade pode levar a uma maior sensibilidade e empatia, mas também a um risco de viés. O desafio, portanto, é equilibrar a compreensão profunda dos fenômenos com a necessidade de manter uma perspectiva crítica e analítica. Dessa forma, ao invés de buscar uma neutralidade inatingível, a academia poderia beneficiar-se ao adotar uma postura mais crítica e transparente, valorizando a diversidade de perspectivas e a riqueza da subjetividade humana no avanço do conhecimento científico.

Segundo o exposto anteriormente, existe um compartilhamento de informações, experiências, simbolismos e realidades no processo de desenvolvimento de uma pesquisa, que afetam o meio onde a pesquisa é realizada, bem como as pessoas que a conduzem e participam dela (Sant'Ana, 2010). Ao entrar no campo, o pesquisador e os nativos iniciam um processo de descoberta mútua: o pesquisador descobre o outro que chega, o desconhecido que se aproxima, e, ao mesmo tempo, cada lado percebe e é percebido pelo outro. Dessa reflexão, por vezes desinteressada ou despretensiosa, surgem novas lentes e significados (Conceição, 2016). Dessa forma, segundo Kroeff, Gavillon e Ramm (2020), no processo de pesquisa, o pesquisador e o campo são afetados mutuamente.

Ao olhar-se para a história do Brasil, por exemplo, independentemente do fato de ter sido descoberto ou invadido, houve no momento da chegada e o atracar das primeiras embarcações a transformação de uma existência local/grupal já existente em um campo de pesquisa. Esse fato é passível de ser compreendido a partir das cartas de Pero Vaz de Caminha em sua descrição minuciosa dos primeiros segundos no 'novo mundo', a descoberta do novo povo (Caminha, 1963; Melo, 2015). Ressalta-se que não foi somente os recém-chegados impactados por esse primeiro contato, mas todos, os olhares que corriam o corpo do outro, vendo suas vestes, sua pele, cabelo, olhos, altura, dentes, expressões, iam desvendando um mundo desconhecido (Caminha, 1963; Melo, 2015). Além disso, no processo de relacionamento entre nativos e não-nativos, ocorreu de forma conjunta a descoberta de múltiplos significados para o que era tão comum para um lado, mas que para o outro, era tão encantador, estimulante (Caminha, 1963; Conceição, 2016; Melo, 2015). A descrição de Pero Vaz de Caminha não é somente do povo que ele encontrou, mas do próprio impactado por esse povo, dos novos pensamentos e significados que esse gerou em si ao contar o que vivenciou e nada poderia desfazer.

Essa ilustração nos permite perceber que o campo de pesquisa não é um espaço vazio antes da interação do pesquisador, e que a presença do pesquisador também se torna para o nativo uma espécie de outro campo de pesquisa, não científico em si, mas de vida, de significados. Há um aprendizado desenvolvido pelos participantes da pesquisa que não se tornam artigos, mas que no cotidiano, na fala, no ensino informal vão sendo consolidados e incorporados à vida daquela comunidade/localidade. Assim, conforme Petinelli-Souza e Bianco (2014), o campo de pesquisa e o pesquisador são construídos em simultâneo no processo de pesquisar.

Por essa razão, não é possível afirmar que alguém que participe de uma pesquisa consiga sair da mesma forma do campo ou que o campo continuará sendo o mesmo após o contato um com o outro (Almeida Neto, 2023; Gomes & Neves, 2021; Sant'Ana, 2010; Stewart, 2007;

Thompson, 2013). Logo, é impossível fingir que o outro não está ali e seguir com a normalidade da vida como se nada de novo estivesse acontecido (Almeida Neto, 2023; Gomes & Neves, 2021; Sant'Ana, 2010; Stewart, 2007; Thompson, 2013). Ao invés disso, talvez seja mais interessante compreender e valorizar as trocas de pensamentos, vivências, impressões que moldam e transformam o agir e ser do outro. Ademais, existem inúmeras impressões e conhecimentos que não é possível inserir nos resultados dos estudos (Conceição, 2016; Machado, 2002; Sant'Ana, 2010). Há experiências que ficam no campo, outras que vão com o pesquisador e adentram a vida cotidiana, como uma nova expressão, uma receita, uma lembrança, o qual se revela no dia a dia (Conceição, 2016; Machado, 2002; Sant'Ana, 2010).

Salienta-se, no entanto, que esse processo de construção do campo de pesquisa e do pesquisador possui uma ordem implícita que rege como a pesquisa acontecerá, o próprio lugar do pesquisador e do pesquisado marca essa ordenação do fazer pesquisa (Machado, 2002). Porém, essa ordem também pode e por vezes é desafiada pelo pesquisado, que esconde, omite, exagera ou simplifica os acontecimentos, controlando o quanto da sua experiência ele compartilhará com esse estudioso (Godim, 2020; Sant'Ana, 2010). Segundo Godim (2020), o campo de pesquisa e o pesquisador possuem um relacionamento que ora é convergente, há compartilhamento dos pensamentos, experiências, significados; e também é divergente, há desacordos, omissões, resistências que não permitem a apropriação daquela realidade.

Assim, a pesquisa passa a existir quando o campo de pesquisa e o pesquisador se encontram munidos de um objetivo de pesquisa que evoca o pesquisador e campo de estudo, do contrário seria um local geográfico, uma profissão, um gênero, uma raça, uma nação, uma empresa (Kroef, Gavillon, & Ramm, 2020). De acordo com esses autores, um pesquisador sem um campo específico é simplesmente mais um indivíduo, como José de Almeida ou Maria Silva, com experiências e vivências pessoais não compartilhadas. Por outro lado, quando uma questão de pesquisa e um campo de estudo são adicionados a esse indivíduo, ele se transforma em pesquisador. Além disso, ao se dedicar a uma pesquisa, o pesquisador não apenas produz um manuscrito, mas também fortalece sua identidade, sendo reconhecido pelos resultados alcançados, através de acessos, citações e avaliações do conhecimento construído por meio de sua vivência no campo (Kroef, Gavillon, & Ramm, 2020).

No entanto, ao produzir os resultados das pesquisas é preciso que o pesquisador tenha compromisso, ética com os materiais que lhes foram confiados. Segundo Sant'Ana (2010), o fato do pesquisador e do campo se construírem mutuamente não significa que o estudioso possa fazer qualquer uso das experiências, partilhas, impressões e registros produzidos durante o tempo de investigação. Ainda segundo o autor, há um tipo de limite sobre as atribuições e usos dos materiais confeccionados, deve haver uma separação entre as ideias do pesquisador sobre o tema e o que o campo lhe contou. O que não é passível de limitação são as reflexões que se faz sobre os temas emergidos do campo desvelado no cotidiano (Sant'Ana, 2010).

Por fim, este ensaio teórico percebe todos os pesquisadores como pesquisadores xamãs, que segundo DaMatta (1978), quando entram no campo de pesquisa entram por inteiro, atuam e saem dele por inteiro, tudo sentem, vivem, guardam e refletem. Porém, sem deixar de ter um pouco do pesquisador herói, que tenta viver essa imparcialidade, o mostrar o que se viu e não a si mesmo, que deseja usar sua cognição para tornar mais clara a forma de vida de um grupo. Assim, a partir do autor, entende-se que essa neutralidade é algo que o pesquisador busca ter, uma decisão, não uma verdade absoluta, mas o desejo, a proposta do pesquisador, que deseja aproximar-se do campo, pensar o campo, mas que inevitavelmente o afeta e é afetado por ele.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este ensaio teórico se propôs a investigar: como o fazer pesquisa influencia o campo de estudo e o pesquisador? Este objetivo foi alcançado visto que as reflexões tecidas durante o trabalho demonstraram que o pesquisador é afetado pelo campo através das experiências, conflitos promovidos pelas interações com as diferentes formas de existência presentes no campo de pesquisa. Ademais, este estudo indicou que as reflexões desenvolvidas durante o período no campo que podem promover resinificados de situações pessoais e sociais. Além disso, o próprio campo de estudo também é afetado pela presença do pesquisador, que traz consigo novas formas de ser, perspectivas de vida diferentes e promove uma reflexão sobre os hábitos, conhecimentos, formas de viver daquela comunidade. Isso, através do contar para o pesquisador o porquê, como, quando e de que forma agem, os nativos realizam uma rememoração e uma avaliação de si, da história e idealizam o futuro, inclusive baseados na experiência de colaborar com a pesquisa.

Dessa forma, uma das reflexões feitas durante a investigação foi como pensar em imparcialidade na pesquisa quando o campo de pesquisa não existe enquanto campo de pesquisa sem a presença do pesquisador e esse sem o campo de estudo? Segundo o caminho percorrido, não parece correto dizer que a pesquisa é imparcial, distante do campo, dos nativos, separada das realidades ali presentes. Parece mais correto pensar que o pesquisador ao entrar e sair do campo traz consigo um pouco do campo e muitas mudanças em si mesmo. Ademais, desde o momento da entrada no campo e no decorrer da trajetória de pesquisa, o pesquisador de forma sutil realiza críticas ao seu próprio ser, pensamentos, experiências e a sociedade onde está inserido. Essas reflexões produzem novos entrelaçamentos e subjetividades, os quais transformam, mesmo que um pouco, o fazer, o pensar, as opiniões, visões, entendimentos e significados. Esses não ficam restritos ao campo, nem existem somente o momento da composição do artigo, dissertação, tese, etc., mas é, revividos e resinificados a cada lembrança, releitura, apresentações dos resultados.

O campo no que lhe concerne, também reflete esse contato com esse ser estranho, estrangeiro que se inseriu no meio, que consumiu sua história. Mas também se reencontrou, resinificou, lembrou de quem era, do que se tornou e pensou no que deseja se tornar, por meio do contar o que se faz, porque se faz, como se faz, com quem e quando se faz. Portanto, o campo também realiza um processo de estranhamento de si, ao olhar para si e para aquele que o veio conhecer, o que acontecia antes e já é tão diferente, a saudade e a repulsa que se sente, as dicotomias sentidas no falar, no comunicar quem se é, descobrindo no familiar o novo.

Assim, a imparcialidade, frequentemente idealizada no meio acadêmico, é desafiada pela própria natureza humana dos pesquisadores, que trazem consigo suas percepções, influências e contextos sociais, culturais e históricos específicos. Embora a objetividade seja considerada essencial para a validade dos estudos, é importante reconhecer que os pesquisadores são influenciados por seus ambientes e experiências pessoais. Esse reconhecimento não deve ser visto como uma falha, mas como uma oportunidade para enriquecer a pesquisa com uma abordagem mais crítica e transparente, que valorize a diversidade de perspectivas e a riqueza da subjetividade humana.

Além disso, o processo de pesquisa é uma via de mão dupla, onde tanto o pesquisador quanto o campo de estudo se transformam mutuamente. Este intercâmbio pode ser visto como um processo de descoberta mútua, onde novas percepções e significados emergem continuamente. Assim, ao invés de buscar uma neutralidade inatingível, a academia poderia promover uma postura reflexiva que permita ao pesquisador lidar de maneira mais ética e consciente com suas influências. Isso contribui para uma pesquisa mais rica e significativa, que respeita e valoriza as experiências e os contextos dos sujeitos estudados. Em suma, o campo de pesquisa é uma

construção conjunta entre o pesquisador e o campo, marcada por trocas de conhecimento que moldam ambos de forma profunda e duradoura.

Este ensaio traz essa percepção de reconstrução de pensamentos, de percepções sobre o fazer pesquisa, o ser pesquisador e o campo como mais que uma descoberta, uma novidade investigada. Além disso, vê o campo de pesquisa como uma construção histórica, detentor de vida própria, vivências sociais e emocionais singulares. Dessa forma, essa reflexão e essa outra lente são contribuições sociais que esse ensaio produziu. Além disso, a discussão feita incentiva uma construção mais holística e integrada do processo de pesquisar e do pesquisador. Além disso, contribuí teoricamente ao discutir o papel do pesquisador na produção de conhecimento científico e não científico *in loco*. Ao atingir o objetivo do estudo, indicando que o fazer a pesquisa produz novos pensamentos, visões sobre si e o outro e que outro também está produzindo novas formas de visão de si. O pesquisador confronta mundos e esses mundos se unem e se lançam no coletivo social, do campo e do próprio sujeito pesquisador. Uma sugestão de estudos futuros é investigar o pesquisador antes, durante e depois do campo, a fim de aproximar-se dos impactos do fazer pesquisa teve na vida do sujeito.

Referências

- Adler, P., & Adler, P. (1991). *Membership roles in field Research*. New York: Sage Publications, Columbia University Press.
- Adler, P., & Adler, P. (1998). Observational techniques. Em N. K. Denzin, & Y. S. Lincoln, *Collecting and interpreting qualitative materials*. (pp. 79-109). Thousand Oaks: Sage.
- Almeida Neto, C. A. (2023). A Sala de Aula On-line Colaborativa na Perspectiva da Teoria da Objetivação: uma experiência de formação continuada. *Tese (Doutorado em Educação)- Universidade Federal do Ceará*, (p. 152f). Fortaleza. Fonte: https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/76390/3/2023_tese_caaneto.pdf
- Araújo, J. M., Costa, M. A., & Lima, R. S. (2021). A Importância do Artigo Científico na Vida Acadêmica. *Criar Educação*, 10, pp. 64-76. Fonte: <https://periodicos.unesc.net/ojs/index.php/criaredu/article/download/3440/5741/17606>
- Barroso, M. R. (2014). A Importância da Subjetividade na Pesquisa Sócio-Antropológica. *Revista Ciências Sociais em Perspectiva*, 13, pp. 1-14. Fonte: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/ccsaemperspectiva/article/view/9661/7940>
- Bourdieu, P. (1983). *Questões de Sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero.
- Bourdieu, P. (1983). *Pierre Bourdieu : sociologia*. (P. Montero, & A. Auzmendi, Trans.) São Paulo: Ática.
- Brinkmann, S. (2018). The Interview. Em Y. S. Norman K. Denzin, *The SAGE Handbook of Qualitative Research* (5 ed., pp. 576-599). Thousand Oaks, CA: SAGE Publications.
- Cachado, R. (2021). Diário de campo. Um primo diferente na família das ciências sociais. *Sociologia & Antropologia*, 11, pp. 551–572. doi:<https://doi.org/10.1590/2238-38752021v11n28>
- Caminha, P. V. (1963). *Carta a El Rei D. Manuel*. Fonte: http://www3.universia.com.br/conteudo/literatura/A_carta_de_pero_vaz_de_caminha.pdf.

- Cavedon, N. R. (2003). *Antropologia para Administradores*. Porto Alegre: UFRGS.
- Conceição, W. S. (2016). “Etnógrafo nativo ou nativo etnógrafo”? Uma (auto)análise sobre a relação entre pesquisador e objeto em contextos de múltiplas pertencas ao campo. *Revista de Antropologia da UFSCar*, 8.
- Corazza, S. M. (2011). A formação do professor-pesquisador e a criação pedagógica. *Revista da FUNDARTE*, 21, pp. 13-16. Fonte: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/221018/000820192.pdf?sequence=1>
- Damatta, R. (1978). “O ofício de etnólogo, ou como ter ‘Antropological Blues’”. Em E. d. Nunes, *A Aventura Sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Diniz-Pereira, J. E. (2013). A Construção do Campo da Pesquisa Sobre Formação de Professores. *Revista da FAEEBA – Educação e Contemporaneidade*, 22, pp. 145-154.
- Droencher, F. D., & Silva, E. L. (2014). O pesquisador e a produção científica. *Perspectivas em Ciência da Informação*, 19, pp. 170-189. Fonte: <https://doi.org/10.1590/S1413-99362014000100011>
- Emerson, R., Fretz, R., & Shaw, L. (2007). Participant Observation and Fieldnotes. . Em P. e. Atkinson, *Handbook of Ethnography*. London : SAGE Publications.
- Favret-Saada, J. (2005). Ser afetado. *Cadernos de Campo*, 13, pp. 155–161.
- Flick, U. (2004). Observação, etnografia e métodos para dados visuais. Em U. Flick, *Uma introdução à pesquisa qualitativa* (pp. 147-178). Porto Alegre: Bookman.
- Gherardi, S. (2018). Theorizing affective ethnography for organization studies. *Organization*, 26, pp. 741–760.
- Godim, D. M. (2020). O trabalho de campo na/para/com Etnomatemática como possibilidade de uma pesquisa afecção: potências do devir. *Bolema*, 34, pp. 1077-1104.
- Gomes, C. (2020). A construção dos campos científico universitário e seus reflexos na produção do Homo Academicus de Pierre Bourdieu. *Religación. Revista de Ciencias Sociales y Humanidades*, 5, pp. 28-40. doi:<https://doi.org/10.46652/rgn.v5i25.675>
- Gomes, D., Hoffmann, J. B., & Finkler, M. (2021). Reflexividade ética na pesquisa qualitativa: o uso de filmes cinematográficos como instrumento de formação continuada. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 74. doi:<https://doi.org/10.1590/0034-7167-2019-0146>
- Gomes, M. d., & Neves, V. F. (2021). Afeto/cognição Social Situada/culturas/linguagem em Uso (ACCL) como Unidade de Análise do Desenvolvimento Humano. *Educação em Revista*, 37. doi: <https://doi.org/10.1590/0102-469826560>
- Haraway, D. (1988). Situated Knowledges: The Science Question in Feminism and the Privilege of Partial Perspective. *Feminist Studies*, 14, pp. 575-599.
- Huvi, J. E., Revez, J., & Borges, M. M. (2024). Mediação & satisfação: comportamento informacional do bibliotecário de referência na instrução e implementação do acesso

- aberto para os investigadores das universidades angolanas. Em J. A. García, C. M. Carmona, & I. V. Rodríguez, *Tendencias actuales de la investigación sobre usuarios de la información* (pp. 121-138). Editorial Sínderesis.
- Kroef, R. F., Gavillon, P. Q., & Ramm, L. V. (2020). Diário de Campo e a Relação do (a) Pesquisador (a) com o Campo-Tema na Pesquisa-Intervenção. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 20, pp. 464-480. doi:<https://doi.org/10.12957/epp.2020.52579>
- Leite, J. F., & Dimenstein, M. (2010). Movimentos sociais e produção de subjetividade: o MST em perspectiva. *Psicologia & Sociedade*, 22, pp. 269-278. Fonte: <http://www.scielo.br/pdf/psoc/v22n2/07.pdf>
- Leonardi, J. L., Máximo, T., Bacchi, A. D., & Josua, D. (2023). Ciência, Análise do Comportamento e a Prática Baseada em Evidências em Psicologia. *Revista Perspectivas em análise do comportamento*, 14, pp. 97-119. Fonte: <https://revistaperspectivas.org/perspectivas/article/download/962/469/2455>
- Machado, M. N. (2002). *Entrevista de pesquisa: a interação pesquisador-entrevistado*. Belo Horizonte: c/Arte.
- Melo, B. S. (2015). Indígenas sob dois pontos de vista: caminha e gândavo. *Anais II CONEDU...* . Fonte: <https://www.editorarealize.com.br/artigo/visualizar/16171>
- Mills, C. W. (2009). *Sobre o artesanato intelectual e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Minayo, M. C., & Costa, A. P. (2018). Fundamentos teóricos das técnicas de investigação qualitativa. *Revista Lusófona de Educação*, pp. 139- 153. Fonte: <https://revistas.ulusofona.pt/index.php/rleducacao/article/>
- Moreira, A. R., & Dutra, E. (2006). Perspectiva Sócio-Histórica e Abordagem Humanista Existencial: reflexões sobre o conceito de subjetividade. *Vivência* , pp. 49-59.
- Motta, G. d. (2022). O Que É um Artigo Tecnológico? *Revista de Administração Contemporânea*, 26. doi:<https://doi.org/10.1590/1982-7849rac202220208>.por
- Navas, A. L., Berti, L., Trindade, E. R., & Lunardelo, P. P. (2020). Divulgação científica como forma de compartilhar conhecimento. *Communication Disorders, Audiology and Swallowing*, 32. doi:<https://doi.org/10.1590/2317-1782/20192019044>
- Oliveira, G. S., Cunha, A. M., Cordeiro, E. M., & Saad, N. d. (2020). Grupo Focal: uma técnica de coleta de dados numa investigação qualitativa. *Cadernos da FUCAMP*, pp. 1-13. Fonte: <https://revistas.fucamp.edu.br/index.php/cadernos/article/view/2208>
- Oliveira, S. d., Guimarães, O. M., & Ferreira, J. d. (2023). As entrevistas semiestruturadas na pesquisa qualitativa em educação. *Revista Linhas*, 24, pp. 210-236. doi:<http://dx.doi.org/10.5965/1984723824552023210>
- Petinelli-Souza, S., & Bianco, M. F. (2014). Produzindo Outras Subjetividades nos Estudos Organizacionais Brasileiros. *Farol - Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade.*, 1, pp. 212-251.

- Prado, A. I., & Braz, M. M. (2017). Vida de Pesquisadora: o campo de pesquisa como ponto de partida para uma investigação etnográfica no urbano. *Revista Pesquisa Qualitativa*, 5, pp. 378-394. Fonte: <https://editora.sepq.org.br/rpq/article/view/96/87>
- Ribeiro, A. C. (2005). Formação do pesquisador: da curiosidade à criação. *Revista Tamoios*, pp. <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/tamoios/article/view/569> .
- Rosa, S. S., Silva, F. C., & Pavão, C. M. (2021). Iniciativas de acesso aberto no combate à pandemia dados abertos e propriedade intelectual na disseminação da informação e conhecimento. *RDBCI: Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação*, 19. doi:<https://doi.org/10.20396/rdbci.v19i00.8666880>
- Sant'Ana, R. B. (2010). A implicação do pesquisador na pesquisa interacionista na escola. *Psicologia em Revista*, 16, pp. 370-387.
- Silva, F. C., & Silveira, L. d. (2023). Transparência e Acesso Aberto análise das políticas editoriais e compartilhamento de dados científicos em revistas Qualis A1 de Comunicação e Informação. *Ciência Da Informação Express*, 4, pp. 1-5. Fonte: <https://doi.org/10.60144/v4i.2023.80>
- Silva, P. B., & Souza, P. V. (2023). Observação como Técnica de Pesquisa Qualitativa: Panorama em Periódicos Brasileiros. *Revista Ciências Sociais em Perspectiva*, 22, pp. 43-64. doi:<https://doi.org/10.48075/revistacsp.v22i42.30627>
- Spink, P. K. (2003). Pesquisa de campo em psicologia social: Uma perspectiva pós-construcionista. *Psicologia & Sociedade*, 15, pp. 18-42.
- Stewart, K. (2007). *Ordinary Affects*. Durham, NC; London: Duke University Press.
- Tavares, I. N. (2022). O Campo de Pesquisa em Educação Musical da Universidade Federal do Ceará: a praxiologia desvelando a formação de um campos. *Tese (Doutorado em Música)*, (p. 188f). Fortaleza.
- Thompson, E. (2013). *A mente na vida: Biologia, Fenomenologia e Ciências da Mente*. Lisboa: Instituto Piag.
- Touraine, A. (2006). *Um Novo Paradigma: para compreender o mundo de hoje*. Petrópolis: Vozes.
- Vilhena, J. (2002). Da cidade onde vivemos a uma clínica do território. Lugar e produção de subjetividade. *Pulsional Revista de Psicanálise*, pp. 48-54.
- Volnovich, J. R. (1995). Subjetividade e organizações. O discurso neoliberal. Em E. Davel, & J. Vasconcellos, *Recursos Humanos e Subjetividade* (4 ed.). Rio de Janeiro: Vozes.
- Young, I. M. (2012). O ideal da imparcialidade e o público cívico. *Revista Brasileira de Ciência Política*, 9, pp. 169-203. Fonte: <https://www.scielo.br/j/rbcpol/a/MjhD8CMdFSRWfsHf7fcYNwB/?format=pdf&lang=pt>
- Zanelli, J. C. (2002). Pesquisa qualitativa em estudos da gestão de pessoas. *Estudos de Psicologia*, pp. 79-88. Fonte:

<https://www.scielo.br/j/epsic/a/GdRk6zHHNz4yL6NBsH6P4yH/?format=pdf&lang=pt>